



**UEPB**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO HISTÓRIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JÚLIO CÉZAR GUIMARÃES SILVA**

**À MORTE DO GRINGO: O GAZETA DO SERTÃO E A CONSTRUÇÃO  
IMAGINÁRIA DE UM POLÍTICO (1923-1924)**

**CAMPINA GRANDE**  
**2019**

JÚLIO CÉZAR GUIMARÃES SILVA

**À MORTE DO GRINGO: O GAZETA DO SERTÃO E A CONSTRUÇÃO  
IMAGINÁRIA DE UM POLÍTICO (1923-1924)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
de licenciatura em história da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
licenciado em história

**Orientador:** Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes.

**CAMPINA GRANDE  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Julio Cezar Guimaraes.  
A morte do gringo: o Gazeta do Sertão e a construção imaginária de um político (1923-1924) [manuscrito] / Julio Cezar Guimaraes Silva. - 2019.  
26 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes, Departamento de História - CEDUC."  
1. Representação. 2. Personagem político. 3. Morte. 4. Política na Paraíba. I. Título  
21. ed. CDD 909

JÚLIO CÉZAR GUIMARÃES SILVA

À MORTE DO GRINGO: O GAZETA DO SERTÃO E A CONSTRUÇÃO  
IMAGINÁRIA DE UM POLÍTICO (1923-1924)

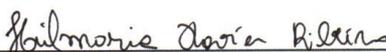
Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado ao  
departamento do Curso de história da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de licenciado em história.

Aprovada em: 05/12/2019.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Jordan G. Queiroz (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr<sup>a</sup>. Hilmaria Xavier  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Patrícia Aragão  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu avô José Pereira Guimarães (in memoriam), por me permitir reflexões da vida em momentos tão incomuns e que me fizeram amadurecer, DEDICO.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	A mágoa unanime da população.....	14
Figura 2 –	Cel. Christiano Lauritzen, em primeira página.....	16
Figura 3 –	Christiano Lauritzen em sua urna fúnebre no palacete.....	20
Figura 4 –	Cortejo fúnebre de Christiano Lauritzen.....	21

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>CHRISTIANO LAURITZEN.....</b>	<b>10</b>
<b>AS REPRESENTAÇÕES DE MORTE .....</b>	<b>13</b>
<b>O CORTEJO .....</b>	<b>19</b>
<b>A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA E SEU SILENCIAMENTO.....</b>	<b>23</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>

## À MORTE DO GRINGO: O GAZETA DO SERTÃO E A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DE UM POLÍTICO (1923-1924)

Júlio César Guimarães Silva

### RESUMO

A construção imaginária de um personagem político se dá primeiramente pela identificação dos seus feitos, pela apresentação de fatos grandiosos que um dia participou direto e/ou indiretamente. No entanto, o trabalho de personificação de um personagem político é bem mais complexo, quando envolve um conjunto de representações, muitas delas, feitas após sua morte. Em muitos casos, o evento da morte de tais personagens assume um papel importante no trabalho de constituição imaginária de sua personalidade pública. É desse modo que, historicamente, quando morre uma figura pública, os funerais se tornam um grande evento, reunindo milhares de pessoas – e comovendo outras tantas, que acompanham as cerimônias através dos diversos meios de comunicações disponíveis em cada época. Há, nesses eventos, uma espécie de “teatralização”, própria dos funerais, cujos ritos e regras variam de acordo com a posição, papel e lugar assumido pelo morto em seu meio social. Neste sentido, o presente trabalho objetiva analisar o evento da morte do Coronel Christiano Lauritzen (1847-1923), chefe político de Campina Grande entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, de modo a entender o jogo de representações criadas pelo jornal *Gazeta do Sertão* sobre este personagem naquele contexto. Para tanto, pretendemos observar a trajetória política de Christiano Lauritzen atentos a analisar os “jogos de representações” criados sobre ele pela sociedade campinense da época. Analisando os jornais de época, sobretudo o jornal *Gazeta do Sertão*, é possível verificar indícios dos esforços em torno da construção de um personagem em meio aos fatos vividos e evento de sua morte de modo a observar não apenas sua trajetória política, mas sim as representações e significações criadas sobre ele pela sociedade campinense do período.

**Palavras-Chave:** representação; personagem político; evento de morte

### ABSTRACT

The imaginary construction of a political character occurs primarily through the identification of his achievements, the presentation of grandiose facts that one day participated directly and / or indirectly. However, the work of impersonating a political character is much more complex when it involves a set of representations, many of them made after his death. In many cases, the event of the death of such characters assumes an important role in the work of imaginary constitution of their public personality. This is how, historically, when a public figure dies, funerals become a big event, bringing together thousands of people - and moving as many as accompany the ceremonies through the various media available at each time. In these events there is a kind of “theatricalization”, typical of funerals, whose rites and rules vary according to the position, role and place assumed by the deceased in his social environment. In this sense, this paper aims to analyze the event of the death of Colonel Christiano Lauritzen (1847-1923), political chief of Campina Grande between

the late nineteenth and first decades of the twentieth century, in order to understand the play of representations created by the newspaper. *Gazeta do Sertão* about this character in that context. To this end, we intend to observe the political trajectory of Christiano Lauritzen intent on analyzing the "games of representations" created about him by the society of the time. Analyzing the periodicals, especially the *Gazeta do Sertão* newspaper, it is possible to verify signs of the efforts around the construction of a character in the midst of the lived facts and the event of his death in order to observe not only his political trajectory, but the representations and meanings created about it by the Pernambuco society of the period.

**Keywords:** representation; political character; death event

## 1. INTRODUÇÃO

À morte do gringo: O Gazeta Do Sertão e a construção imaginária de um político Christiano Lauritzen (1923-1924), tem por finalidade perceber a partir de um ato fúnebre, a personificação de um político com base na análise do jornal *Gazeta do Sertão*. Para tanto, partimos da história cultural, conforme afirma Chartier, para perceber a partir de um fato (a morte do político) uma realidade social construída a partir deste acontecimento e como essa realidade é pensada ao passo que entendida socialmente, buscando perceber neste sentido também às reverberações ou o silenciamento do ato.

Para tanto, nos apropriamos do conceito de Chartier: “*As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.*” (CHARTIER, 2002. p.17). Chartier neste sentido, identifica elementos primordiais para uma realidade a qual se visa construir. Essa realidade se faz a partir de moldes cotidianos personificados em forma de interesses sociais, políticos, econômicos e etc., ambientando assim uma representação social de algum elemento. Assim, esse elemento de personificação se traduz de maneira a entender um fato ocorrido socialmente. Para nossa pesquisa, o fundamento desse fato ocorre com a morte do chefe político de Campina Grande: Christiano Lauritzen, a qual a partir deste ato que é a morte, criam-se elementos que formam entre outras palavras, grandes eventos, comovendo pessoas e reunindo outras tantas em função desta.

O Jornal em específico em nossa pesquisa, é o *Gazeta do Sertão* observando um recorte temporal entre 1923 e 1924, a qual por sua vez, retrata a morte do “Gringo” coronel Christiano Lauritzen, o qual nasceu em Boddum, Dinamarca vindo para o Brasil aos 22 de idade em 1867. No Brasil, na região do Norte, percorreu ele várias localidades fazendo serviços de vendedor ambulante, constituindo seu comércio a partir de joias e brilhantes, e em fins do século XIX e início do XX atuou como chefe político de Campina Grande.

O Jornal *Gazeta do Sertão* com sede em Campina Grande, ganhou percepções em época por transparecer um cunho político muito forte, isto é, os noticiados do jornal traziam conotações sobretudo partidárias em tempos de eleições e fora delas. A *Gazeta do Sertão*<sup>1</sup>, foi fundada por Irineu Jóffily e Francisco Retumba em 1888, onde circulou de 1º de setembro de 1888 até 06 de maio de 1891 com aproximadamente 800 exemplares. Todavia a *Gazeta do Sertão* encerra suas atividades neste último ano em função de motivos políticos, retomando suas atividades posteriormente em 1923 dirigida, no entanto, por Hortênsio Ribeiro. Hortênsio Ribeiro foi um dos colaboradores do jornal Correio de Campina que surge em 1911 o qual o editor era o Christiano Lauritzen e possuía como objetivo confrontar as ideias de Irineu Jóffily (fundador da *Gazeta do Sertão* encerrado primeiramente em 1891).

A percepção do periódico como instrumento de análise se configura a partir da fundamentação de olhares não neutros<sup>2</sup> que constituem o jornal como meio de

<sup>1</sup> (FERREIRA, 2012, p.19)

<sup>2</sup> A discussão em torno do estatuto do que se publica na imprensa periódica já foi - e continua sendo - objeto de acirradas polêmicas. Há objetividade e neutralidade? É possível distinguir notícia e interpretação? (..)

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena,

propagação, isto é, a narrativa de um periódico seleciona, organiza, e sobretudo elege aquilo que está para ser dito ou então ocultado em forma de notícia. É nesse sentido que a narrativa do acontecimento em muitas vezes diverge do próprio acontecimento, ou seja, aquilo que se é narrado é dito de maneira a “enriquecer” um dado ato/momento ou então “empobrecê-lo” de maneira que essa ligação entre estes dois fazeres subordinam-se a quem narra (jornal, revista, etc.).

A cultura a partir desses processos de representação social como um pilar teórico estabelece no tempo percepções diferentes para se compreender determinado objeto de estudo. Isto é, a partir de Sandra Jatahy Pesavento em consonância com Roger Chartier, à história cultural possibilita entender cultura de maneira a compreender esta como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para “explicar” o mundo. Tal explicação parte da observação de condicionantes como costumes, crenças, narrativas sobre algo ou alguém em função de sua história. É neste sentido que o conceito de cultura para nossa análise se estabelece ao passo em que percebe-se elementos de narrativa, função imagética, constituição de uma memória coletiva, comoção social em função da narrativa, a fim de constituir um discurso sobre alguém em detrimento de sua trajetória, função social, relações sociais, e relações familiares.

Um dos ganhos da história cultural se faz a partir da percepção do imaginário como algo inerente ao conceito de representação. Isto porque para Sandra Pesavento, esse imaginário se constitui a partir de representações coletivas<sup>3</sup> que uma sociedade cria em torno de si cuja finalidade se traduz a partir de sentidos os quais são atribuídos ao mundo, ao cotidiano e etc. Tal conceito de representação coletiva está associado a ideia de articulação histórica, isto é, a representação coletiva se compreende como imaginário ao passo em que se percebe a construção do que é dito sobre uma realidade, o que por sua vez, denota uma composição criada histórica e socialmente. O imaginário nesse sentido é algo dotado de historicidade ao passo em que tais representações têm por finalidade conferir sentido ao real. Essa construção de sentido se expressa em forma de palavras/discursos/sons envoltos de práticas, ritos e etc. O imaginário dentro da concepção de percepção social abarca ainda crenças, mitos, conceitos, valores que visam uma construção identitária sobre algo ou alguém.

É neste sentido que, a construção imaginária de um político se dá a partir da narrativa de seus feitos, suas origens, sua vida não de maneira a apenas perceber esse movimento como uma homenagem a alguém, mas como esse alguém é descrito ao passo em que se observa condicionantes que fazem alguém ser quem foi. Tais condicionantes se personificam em função de um traço específico: a representação, a fim de entendê-la a partir de um conjunto de signos<sup>4</sup> (poder, interesse, função social, ideais, política e etc.) cuja compreensão seja a de perceber uma narrativa mítica<sup>5</sup> em função do ato/fato ocorrido.

---

estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. (PINSKY, 2008, p.139)

<sup>3</sup> A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a ideia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica. (PESAVENTO, 2008, p.43)

<sup>4</sup> (*Idem*, p.18)

<sup>5</sup> Os mitos políticos de nossas sociedades contemporâneas não se diferenciam muito, sob esse aspecto, dos grandes mitos sagrados das sociedades tradicionais. A mesma e essencial fluidez os caracteriza, ao mesmo tempo que a imprecisão de seus respectivos contornos. Imbricam-se, interpenetram-se, perdem-se por vezes um no outro. Uma rede ao mesmo tempo sutil e poderosa de

À imagem fotográfica por sua vez também estabelece uma forma de narrativa, pois ela possui dentre outros aspectos uma ordem discursiva em forma de registro temporal. Esse registro<sup>6</sup> se ambienta e se personifica ao passo em que detalhes são percebidos como em nossa análise por exemplo, uma impetuosidade, uma característica de uma forma de se apresentar (no sentido de visual), detalhes de maneira mais ampla, que vão para além da data e o registro em si, mas que estabelecem dentre outras conotações: a de se formar um enredo. À fotografia nesse sentido, não assume apenas um congelamento do tempo em forma de registro, de outra forma assume uma operação em forma de produção dada a partir de condicionantes<sup>7</sup> as quais permitem que aquele registro ocorra, em outras palavras, os interesses, poderes dominantes e sobretudo aquilo que se quer construir como uma realidade.

É dessa forma que se para nós a constituição do jornal ao fazer a narrativa da morte de Christiano Lauritzen traça um enredo como as mais diversas condicionantes que fizeram esse chefe político ser quem foi ao passo em que se constitui uma memória, por outro há um dado silenciamento a fim de perceber como aponta Michael Pollak<sup>8</sup> os interesses que não convergem com os quais o *Gazeta do Sertão* queria passar: uma espécie de legado que estende a partir de sua morte.

É desta maneira pois, que a memória construída a partir da narrativa do jornal *Gazeta do Sertão* sobre Christiano Lauritzen, pertence a uma forma eventualista de se encarar um ato fúnebre. Esse sentido de evento se atribui uma vez que elementos como este enredo construído entorno do ato fúnebre (imagens, narrativas, atribuição de sentido) e à memória entendida aqui como um sentido que se atribui algo a fim de se estabelecer uma coletividade de ideais, passam a constituir uma narrativa: à morte do gringo.

É desse modo que, analisando os jornais de época com ênfase no jornal *Gazeta do Sertão*, é possível verificar indícios de esforços entorno da construção de um personagem em meio aos fatos vividos e diante do evento de sua morte de modo a observar não apenas sua trajetória política, mas também as representações e significações criadas sobre ele pela sociedade campinense do período. Tais representações se traduzem na maneira em que o jornal passa a narrar a trajetória de Christiano Lauritzen em função de sua morte.

## 1.1 CHRISTIANO LAURITZEN

Christiano Lauritzen nasceu em Boddum na parte continental da Dinamarca intitulada Jutlandia conforme afirma o jornal *Gazeta do Sertão* (1923)<sup>9</sup>, tendo

---

liames de complementaridade não cessa de manter entre eles passagens, transições e interferências. (GIRARDET, 1987, p.15)

<sup>6</sup> A fotografia não seria simplesmente o registro de um objeto: em sua condição de criação humana, ela elabora uma realidade “que não existe fora dela, nem antes dela, mas precisamente nela”. A produção fotográfica seria, portanto, um fenômeno ideológico: “como apropriação do referente, não para fins de conhecimento, mas para garantir uma posse, um poder ou pelo menos um controle”. (CABRAL FILHO, 2009, p.24).

<sup>7</sup> (*Ibidem*)

<sup>8</sup> Temos exemplos disso por ocasião de congressos de partidos em que ocorrem reorientações que produzem rachas, mas também por ocasião de uma volta reflexiva sobre o passado nacional, como a passagem, na França, de uma memória idealizante, que exagera o papel da Resistência, a uma visão mais realista que reconhece a importância da colaboração. (POLLAK, 1989, p.10.)

<sup>9</sup> Christiano Lauritzen: morre um dos fundadores da cidade de campina grande e seu actualgovernador. (*Gazeta do Sertão*, Campina Grande, 01 dez. 1923, p.02)

imigrado aos 22 de idade para o Brasil em 1867. Chegando no Brasil mais especificamente nas províncias do Norte, percorreu ele várias localidades fazendo serviços de vendedor ambulante, e tinha como seu mercado joias e brilhantes. Daí então Christiano Lauritzen em suas muitas idas e vindas começou a se estabelecer na cidade de Campina Grande.

Como mascate, por 13 anos de andanças<sup>10</sup> pelas províncias do Norte Christiano Lauritzen fixou-se em Campina Grande por volta de 1880 e era conhecido na cidade por “o *gringo*”. De modo que, Eliete Gurjão ao descrever Christiano Lauritzen afirma ela:

Mais adiante casou com uma filha de Alexandrino Cavalcanti e associou-se com este numa loja de tecidos e miudezas, a chamada Casa Inglesa, onde permaneceu durante 40 anos, desenvolvendo paralelamente sua carreira política, exercendo cargos de chefia ao longo de 33 anos. (GURJÃO; 2002, p.98)

Pouco tempo depois de se estabelecer em Campina Grande logo foi naturalizado brasileiro, e pelo prestígio que seu sogro (Alexandrino Cavalcanti) possuía em virtude da liderança que tomara frente ao partido conservador em Campina Grande; passou tal prestígio pertencer também a ele (Christiano Lauritzen), deste modo, em 1885 foi indicado substituto<sup>11</sup> na chefia do partido conservador por Antônio da Trindade de Meira Henrique.

Diante disso, a carreira no campo político de Christiano Lauritzen tomava novos rumos. Em 1887 foi eleito vereador no qual exerceu o mandato como representante do partido conservador. Já em 1890 em uma última sessão realizada na Câmara municipal; João da Silva Pimentel o então presidente em exercício que por sinal era adversário político de Christiano Lauritzen, entregou-lhe<sup>12</sup> o governo do município de Campina Grande. Usando palavras de Eliete Gurjão (2002. p.99) “A implantação da República marca a ascensão do gringo à chefia do município de Campina Grande, representando o início de uma longa trajetória”. Já na então nova organização política:

Proclamada a República, a exemplo do ocorrido em toda a Paraíba, em Campina Grande repentinamente todos se tornam republicanos. Mesmo os conservadores mais radicais durante o Império, logo encastelados nos novos cargos, assumem subitamente a defesa da República, tal como ocorreu com Cristiano Lauritzen, do Partido Conservador, nomeado por Venâncio Neiva presidente do primeiro Conselho de Intendência. (GURJÃO,2002, p.90-91)

Como citado anteriormente, Christiano Lauritzen angariou por muito tempo sua vida por meio do comércio, e quando o Brasil passa a ser então República, novas oportunidades surgem para aqueles que já detinham de algum modo prestígio, seja este no campo econômico bem como social em forma de notoriedade. E há de se perceber que o comércio abriu muitas possibilidades principalmente a partir de relações sociais para que houvesse um empuxo para tais pessoas que faziam parte deste “rool”. O Christiano Lauritzen, para além de sua inserção comercial, e nas sombras de seu sogro Alexandrino, viria a ser nomeado por Venâncio Neiva presidente do Conselho de Intendência.

---

<sup>10</sup> (GURJÃO,2002, p.98.)

<sup>11</sup> (*Ibidem*)

<sup>12</sup> (GURJÃO,2002, p.99)

Vale acentuar também a participação do sogro de Christiano Lauritzen, Alexandrino Cavalcanti de Albuquerque, que durante o império exerceu cargos políticos<sup>13</sup> chegando a presidir a Câmara Municipal e também se tornando chefe do partido conservador, nisto o acompanhou Christiano Lauritzen e que “encabeçado” por Alexandrino Albuquerque tornou-se o mais influente político local<sup>14</sup>. E a partir de então Christiano Lauritzen embarcou como deputado estadual, membro da primeira legislatura da República<sup>15</sup>, presidente de Intendência e prefeito da cidade durante 19 anos, tendo como sub-prefeito Manuel Cavalcante Belo que por sinal era filho de Alexandrino Cavalcante de Albuquerque.

A partir disso, pensar a figura do Christiano Lauritzen diante de sua inserção política, é refletir que uma série de conjunturas o fizeram alcançar tamanho mérito, sejam estas conjunturas hora pensadas como sucessão de poder político/partidário, hora pensada como experiência de vida em detrimento de sua popularidade dadas em função do comércio.

Campina Grande na metade do século XIX, já apresentava índices de crescimento econômico na região, fazendo-se assim polo comercial não apenas para localidades circunvizinhas como também atraindo olhares exteriores. Dessa forma é conforme afirma Eliete de Queiroz Gurjão “Seu crescimento econômico comercial estava, portanto, profundamente vinculado às atividades agropecuárias desenvolvidas na zona rural e nas regiões por ela polarizadas.” (GURJÃO,2002, p.82) E ainda para além do comércio em plena expansão, o campo sócio-político tomara suas proposituras dentro desta cidade e principalmente como um espelho de condições histórico-estruturais<sup>16</sup> do Brasil como um todo.

Ainda diante de uma perspectiva sócio-político de Campina Grande; os chamados “poderes locais”<sup>17</sup> se estratificaram cada vez mais em detrimento do comércio, fazendo dele um meio não apenas de capitalizar investimentos como também um meio de estratégia política para uma progressiva consolidação de poder.

Aqueles que ficaram conhecidos como *forasteiros* passavam a desenvolver de forma cada vez mais contínua seus negócios; logo a ideia de progressividade principalmente comercial, estava ligeiramente associado ao ideal dessas *pessoas vindas de fora*, assim é conforme afirma Gurjão:

Um fenômeno histórico que deve merecer a atenção dos entendidos. É que desde os primeiros anos, os forasteiros mostraram-se progressistas. Os pioneiros da civilização local. Estavam sempre a construir casas e abrir ruas em direção no poente abandonando aos “antigos” o que ia ficando atrás (GURJÃO,2002, p.82)

---

<sup>13</sup> Alexandrino Cavalcante de Albuquerque, conforme já dito, durante o Império exerceu cargos políticos, chegando à presidência da Câmara Municipal e a chefia do partido, juntamente com seu genro Christiano Lauritzen. Este continuou no comando do partido, tornando-se o mais influente político local, foi deputado estadual, membro da primeira legislatura da República, presidente do Conselho de intendência e prefeito da cidade durante dezenove anos, tendo como sub-prefeito Manuel Cavalcanti Belo, filho de Alexandrino Cavalcanti. (GURJÃO,2002, p.91)

<sup>14</sup> (*Ibidem*)

<sup>15</sup> (*Ibidem*)

<sup>16</sup> (GURJÃO, 2002, p.84).

<sup>17</sup> (...) desde cedo, consolidou-se o domínio dos coronéis inicialmente apenas fazendeiros, mais adiante também produtores, beneficiadores e comerciantes de algodão na Paraíba. Portanto, Campina teve sua vida política marcada por todas as implicações de uma estrutura de poder fundamentada no mandonismo local. (*Ibidem*)

Há de se observar, que se antes o poder político era tido sobretudo a partir dos liberais como algo passado em forma de tradição familiar; agora, com essa dada expansão advinda principalmente do comércio como forma de dinamizar uma sociedade, novas possibilidades de conjunturas políticas se faziam presentes de forma a causar uma nova forma de coalizão tornando possível novas formas de se obter ascendência política.

O cargo de prefeito<sup>18</sup> de Campina Grande, no entanto, foi instituído por poder da lei em 1896 a qual alterou a organização dos municípios<sup>19</sup>, isto em virtude da renúncia do marechal Deodoro da Fonseca e o início do governo de Floriano Peixoto, a qual provocou ruídos em forma de transformações em partidos locais.

Christiano Lauritzen por sua vez, chega a ser prefeito de Campina Grande em 1910 sob a retomada dos venancistas em posições políticas na Paraíba com a qual Christiano teve uma principal importância<sup>20</sup> nesse êxito. Fato que, tal importância o amparou até seus últimos dias de vida sobretudo pela confiança que ganhara de Epitácio Pessoa, que aliás em 1915<sup>21</sup> após vitória do epitacismo voltou à Paraíba com o objetivo de ajudar seus correligionários, se hospedando então na casa de seu amigo Christiano Lauritzen.

## 1.2 AS REPRESENTAÇÕES DA MORTE

“No dia 18 de Novembro, após uma longa e dolorosa agonia, às 3h. e 45m. da madrugada faz hoje exactamente 13 dias), desapareceu objectivamente da terra campinense Christiano Lauritzen” (Gazeta do Sertão 1923, p.02). Assim chegava o fim da trajetória de Christiano Lauritzen; o mascate, o vereador, o prefeito, o deputado estadual; noticiava o *Gazeta do Sertão* com pesar à culminância de uma longa vida e história deste político.

O jornal *Gazeta do Sertão* apresentava em sua segunda página uma dedicatória exclusiva sobre à morte de Christiano Lauritzen intitulada de: “Morre um

<sup>18</sup> O poder executivo que, desde as antigas Câmaras de vereadores era exercido pelo seu presidente, passa agora, às mãos do prefeito, novo cargo criado, cuja nomeação também cabe ao governador do Estado. A prefeitura então criada em Campina Grande é ocupada por figuras do PRP local. Assim, seu primeiro prefeito, Francisco Camilo de Araújo foi indicado pelo chefe do partido e o segundo foi o próprio João Lourenço Porto. (GURJÃO, 2002, p.104)

<sup>19</sup> Venâncio Neiva foi deposto e seu substituto Álvaro Machado afastou os antigos conservadores (agora, membros do partido autonomista, venancistas) do poder. Os antigos liberais (do partido Republicano da Paraíba, alvaristas) foram então nomeados para substituir seus adversários em todos os cargos relevantes. Reedita-se, assim, a troca dos políticos no poder, tal como ocorria durante o Império. (*Idem*, p.102).

<sup>20</sup> (*idem*, p. 109) “Exílio político” nos anos de 1890, (...) forjou laços pessoais muito estreitos entre os venancistas fora do poder na Paraíba. Eles nunca se esqueceram das perseguições que sofreram nas mãos de seus oponentes alvaristas ou valfredistas, especialmente em Campina Grande. Apesar da volta do país ao governo civil em 1894. Eles continuaram fora da política local por mais oito anos. Trabalhando com Venâncio e, cada vez mais, com Epitácio, tramavam uma revanche política que os reintegraria na coalização no poder. Embora não existam evidências sólidas, parece que Epitácio, nesse período, também travou conhecimento com diversos dos mais influentes chefes partidários dos antigos venancistas (antigos conservadores) dos municípios mais a oeste das zonas sertanejas. Muitos provavelmente, ele o fez através de Christiano, visto que muitos deles eram clientes deste; é possível também que o intermediário tenha sido Venâncio, uma vez que, como juiz imperial, residira em três importantes centros sertanejos: Catolé do Rocha, Pombal e Teixeira. (apud LEWIN, 1993, p.224)

<sup>21</sup> Em 1915 ocorreu a famosa campanha político-eleitoral que consagrou a vitória do epitacismo. Devido aos desentendimentos, quanto à composição das chapas ao congresso nacional, Valfredistas e Epitacistas romperam e lançaram candidatos separados. (*idem*, p.117)

dos fundadores da cidade de Campina Grande e seu actual governante.” (Gazeta do Sertão 1923, p.02).



Figura 1 - A mágoa unanime da população  
**Fonte:** Fonte: (Gazeta do Sertão 1923, p.02).

A apresentação inicial do jornal recai sobre a ilustração de dois retratos, sendo um do próprio Christiano Lauritzen e o outro de sua esposa Elvira Cavalcante Lauritzen, identificando em suas respectivas imagens pequenas biografias as quais descrevem o ano de nascimento de ambos e origem bem como o ano de casamento como é o caso de Elvira Cavalcante a qual era sua esposa e já falecida. Em seguida um subtítulo dizendo: “A mágoa unânime da população.” (Gazeta do Sertão 1923, p.02), o que em outras linhas significa dizer que, para à narrativa desse jornal, tal subtítulo da reportagem identifica por si os sentidos de afeto ao político bem como um ato de simbolismo em termos de dedicatória, isto porque, apenas no *Gazeta do Sertão* tal notícia foi narrada desta maneira ao passo que, como veremos, outros periódicos de época não fizeram referência ao evento.

Desta forma, de início apresentam-se na dedicatória do *Gazeta do Sertão*, uma descrição de comoção ao passo em que também se apresenta suas descendências, isto é, o casamento com Elvira Cavalcante a qual a sua imagem também é destacada ao lado de Christiano Lauritzen conotando dentre outras significações o afeto o qual Christiano Lauritzen possuía por ela. Essa afirmação anterior, surge do entendimento de uma descrição posterior em que o jornal narra:

Falando da espôsa, já falecida, numa carta a um amigo: "quasi que acompanhei minha adorada mulher à sepultura, por me parecer a vida impossível sem ella, que durante 32 annos foi a companheira mais dedicada e fiel que me seria dado encontrar. Ao lhe escrever hoje, ainda choro como no primeiro dia a sua falta. Sei que isto não póde ser entendido por naturezas diferentes da minha". (Gazeta do Sertão 1923, p.02)

O Jornal *Gazeta do Sertão* segue após os títulos e subtítulos de sua reportagem a narrar seus feitos e origens:

De origens humildes, conseguiu entre nós com iterativo trabalho e a bracejar muitas vezes com desventuras - a golpes de incrível audácia e uma inquebrantabilidade sem exemplo-galgar às funções eminentes de Prefeito Municipal e chefe Político da comarca de Campina-Grande. (Gazeta do Sertão 1923, p.02)

Observa-se em tais trechos que, não se trata do jornal noticiar o ato por si, isto é, à morte, mas a medida em que o jornal começa a narrar a trajetória de Christiano Lauritzen nota-se uma conotação de uma construção de um aspecto grandioso em seus feitos. Entende-se feitos aqui, como uma trajetória progressiva destinada a tornar algo ser o que já foi, em outras palavras construir uma espécie de enredo ao redor de um que já não é mais: o morto.

Palavras como, “de origens humildes”, “à golpes de audácia”, “inquebrantabilidade” ; são tipos de palavras que se começa a perceber este enredo citado anteriormente, isto porque, não se trata de perceber este enredo como apenas uma notícia dada por um jornal, mas de outro modo, trata-se de uma “história-memória<sup>22</sup>” que passa a ser narrada em função de um ato.

O jornal continua de uma maneira biográfica descrever o Christiano Lauritzen:

Estrangeiro de nascimento, por isso que viu a luz em Bodum na parte continental da Dinamarca intitulada Jutlandia, tendo emigrado, aos 22 anos de idade, para o Brasil em 1867, em seguimento a muitas idas e venidas pelas províncias do Norte, na mascateação de joias e brilhantes, fixou-se Christiano Lauritzen nesta cidade, onde constituiu família e elegeu domicílio, numa casa de dois pavimentos, pertencente ao coronel Alexandrino Cavalcante de Albuquerque, homem de haveres e influente na política, que, além da sociedade no negócio lhe deu uma das filhas - a mais linda - em casamento. (Gazeta do Sertão 1923, p.02)

Neste trecho apresentado, uma biografia é inserida na narrativa do Jornal de maneira a descrever entre outras coisas seu passado de maneira a perceber sua trajetória. Podemos concatenar algumas ideias em forma de etapas para um melhor entendimento da narrativa do jornal. A primeira delas é a apresentação de forma icônica de Christiano Lauritzen em primeira página do periódico, enfatizando desta maneira um Christiano em sua já longevidade em forma de experiência de vida notadamente demarcada por seu cabelo um tanto quanto ralo:

---

<sup>22</sup> Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. (POLLAK, 1989, p.04 *apud M. Halbwachs, op. cit., p.04*)

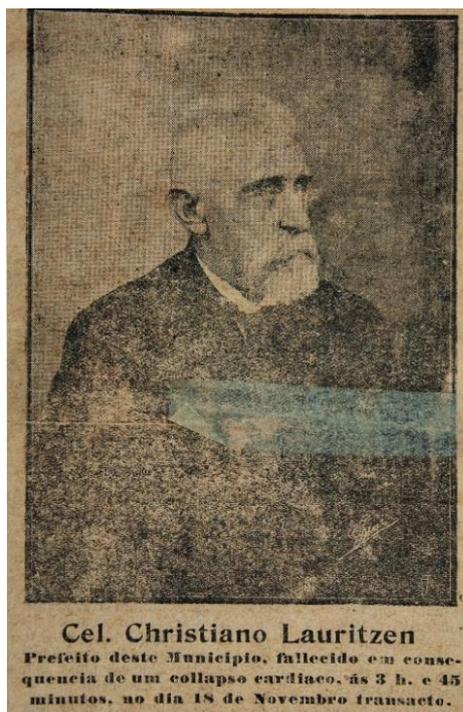


Figura 2- Cel. Christiano Lauritzen em primeira página  
 Fonte: (Gazeta do Sertão 1923, p.01)

À imagem como ícone representa neste sentido, uma forma de interpretação de imagem, isto é, os detalhes que a compõem e a maneira pela qual é registrada. Nisto há um contraste entre o Christiano Lauritzen da primeira página em destaque e o Christiano da página dois do jornal. E como já observado anteriormente na figura 1, o Christiano da imagem na página dois se apresenta como um mais jovem, em sua “plenitude” ao lado de sua esposa Elvira Cavalcante.

A segunda leitura observada a partir do jornal é a forma biográfica à qual se narra a trajetória do político. Evidenciando desta forma uma descrição particular própria de “imagens como ícones sociais”, isto é, tais narrativas apresentam a partir de suas biografias sentidos tais como: “Nasceu em algum lugar”; “de alguma forma”; “por uma luz divina foi encaminhado”; “em seu trajeto obteve(..)”. Ao passo em que se observa tais elementos fazendo parte de uma construção permanente por uma finalidade simbólica, nota-se também que tais elementos por si nada constituem, entretanto em conjunto com seu respectivo enredo narrativo constroem algo: à memória.

O jornal, ainda por seu aspecto biográfico continua:

Do seu atilamento para os negocios, dil-o a prosperidade e o credito que ao tempo gozou a CASA INGLEZA (era o nome do estabelecimento), emquanto o probo e diligente comerciante, experimentado nas transacções ambulantes, pode dedicar à gerencia do seu armarinho- o senso pratico e a visão das realidades, de que mais tarde elle fez tão grande cabedal e desbaratou sem contar na sua tempestuosa vida de político combatente. (Gazeta do Sertão 1923, p.02)

Nota-se então que o jornal *Gazeta do Sertão* apresenta a partir da sua narrativa biográfica sobre Christiano Lauritzen, elementos com os quais vão tecendo adjetivos de grandiosidade ao passo em que acentuando ou então deixando conciso sua ascendência até o auge da política. Esses adjetivos traduzem-se em função de

palavras como: “tempestuosa vida”; “combatente”; “grande cabedal” e outras que quando escritas começam a construir dentre outras significações aspectos de uma vida em ascendência.

A narrativa do jornal é contínua de modo a apresentar a trajetória do político de maneira a perceber suas fases de vida, isto é, em, um primeiro momento noticia o ato: à morte; em um segundo momento descreve-se sua biografia a fim de perceber o início de sua trajetória enquanto pessoa (nascimento) e enquanto à sua chegada em Campina Grade, de maneira a conotar fases dentro deste contexto. Para tanto continua o jornal:

Surgindo nestas paragens, ahi por voltas de 1880, talvez fôsse Christiano um dos primeiros bandeirantes modernos que ao pôr a sua solida bota de europeu no ridente "planalto que fica ao centro duma região fria, ignorada dos hoilandezes, em uma verdejante collina, ao pé duma grande campina", - tenha tido a visão prophética do que havia de ser, no futuro, o "marco de civilisação, plantando sobre desconhecida serra", e que poderosa influencia viria algum dia a exercer no governo e pôvo do Estado da Parahyba do Norte. E aqui ergueu a sua tenda de trabalho, ingressando na politica. (Gazeta do Sertão 1923, p.02)

Eis nessa citação portanto, uma das chaves para o entendimento da construção de uma narrativa como ícone em função de sua memória. Isto é, essa construção dá-se a partir de alguns elementos que constituem essa descrição, uma delas se dá pela “visão profética do que havia de ser o futuro” (como citado). Ou seja, para o jornal a descrição é de que Christiano Lauritzen já havia tido uma deslumbrante noção daquilo que havia de ser. É neste sentido que encarar essa representação biográfica com o sentido de “fazer-ser”, isto é, construir representações que permitam a aquele que já não possui mais continuidade de sua própria história em função daqueles que estão responsáveis por escrevê-la; é compreender a partir deste fazer-ser, que o jornal não compreende uma noção de apenas uma notícia de morte, mas compreende nesse sentido um entendimento de que uma de suas finalidades é de traçar uma trajetória a qual tenha por finalidade acionar diferentes mecanismos de narrativa a qual constitua um símbolo: à grandeza.

Alguns dos componentes que vão tecendo essa constituição simbólica a partir da narrativa do jornal, faz-se diante da observação da construção em algumas fases desta narrativa em que o jornal adota. A primeira como já citado, se faz a partir da percepção de sua biografia subdividido em alguns itens a saber: de sua trajetória, vida conjugal e por último a inserção e vida política. Compões a partir disso, três campos da narrativa do jornal com os quais se trabalha a composição de um enredo neste periódico.

Sobre sua vida conjugal e seu relacionamento familiar, diz o jornal:

A sua illibada vida conjugal póde ser definida num só traço: nunca defraudou a Espôsa. Amou-a 31 annos com o mesmo affecto do dia do seu desposório.

Para elle, o conjuge entusiasta, todas as alegrias deste mundo se resumiam em Sinhá, que era o nome intimo que o velho Christiano dava à consorte. Pelo que ouvimos de sua bôcca, em confidencias baseadas na confiança duma amisade que a morte não destruiu, dois grandes amores lhe encheram a vida, tão acerbamente cortada de revêzes: affecto da Familia e a amisade de Epitacio Pessôa. (Gazeta do Sertão 1923, p.02-03)

À vida conjugal e relacionamento familiar de Christiano Lauritzen também é descrito no jornal a observar um aspecto que norteia toda a narrativa deste: À integridade. Integridade essa que permeia toda sua biografia a saber desde o início de sua trajetória a qual é utilizada mais uma vez em recursos de adjetivação o qual passa a ser usado a fim de denotar plenitude em todos os atos. Não é com isso dizer que a integridade não fez parte da trajetória do político, mas é observar sobretudo a composição da narrativa do jornal em função de “transformar” o ato fúnebre em uma cerimônia a partir de elementos descritivos. E observa-se dentro dos elementos constitutivos desta narrativa, que são utilizados também espécies de mecanismos com o quais aproximam o leitor do já então falecido Christiano Lauritzen: uma relação concisa com sua esposa; apelidos afetivos por sua esposa; dentre outras finalidades um enredo afetivo dentro de sua relação familiar. Adicionados desse modo a fim de denotar tal grandeza em ambas as partes de sua vida, e além disso acrescenta-se nessa descrição a figura do Epiácio Pessoa, com o qual Christiano Lauritzen tivera grande apreço conforme afirma o jornal.

É desta maneira que a terceira leitura em forma de representatividade culmina uma narrativa em forma discurso simbólico; a primeira como citada anteriormente, remete ao Christiano como forma de ícone com a qual os simbolismos entorno de seu enredo o fabricam como tal. A segunda é perceber a partir de sua biografia feitos com os quais constroem uma função imagética teleológica a qual o Christiano estaria desde do início de sua trajetória “fadado” (com um sentido positivo a ser quem foi.) A terceira se trata de sua relação conjugal e também a partir das relações políticas, que como já citado, se dava a partir sobretudo com Epiácio Pessoa. Tais maneiras de percepção elevam em todos os parâmetros a noção de integridade, quer seja em sua trajetória de vida, política e afins.

O jornal *Gazeta do Sertão* continua até chegar ao ato da morte de Christiano Lauritzen a percorrer uma trajetória elencando suas principais características, de modo a observar que para além do político, das relações familiares e da relação conjugal, Christiano Lauritzen também era afetuoso em suas relações no dia a dia.

De outro modo, o Jornal ainda traz um aspecto de “romance” uma vez que se descreve os últimos momentos de Christiano Lauritzen ao perceber o falecimento de sua esposa Elvira Cavalcante Lauritzen:

Seria o momento, dizia elle, do adeus para sempre!  
 Vencido pelo cansaço da vigilia continua, ao pé do leito derradeiro da sua queria Sinhá, o angustiado enfermeiro, vencido atinal pela prosiração, recolheu, um instante, a outro aposento, num sótão, afim de repousar um bocadinho. Não havia decorrido uma hora, o coração preságo lhe segreda: "era chegado o momento supremo em que Elvira Lauritzen ia tornar a si do horrivel torpôr, elle...não estava ao pé de si para a tróca do adeus sempiterno!  
 Alucinado precipita-se pela escada da sotéa. Entra o quarto do agonisante. Ordena presentes, à exepção dos intimos, todos se retirem.  
 Nisto, a Esposa agita-se abre os olhos e alonga para elle, que caira de joêlhos ao pé da cama, os braços emmagrecidos.  
 Christiano toma-a, sobre o coração despedaçado, num aplexo que foi o ultimo a lhe dar recondito do lar viuvo...  
 Taes episodios, recontados ao correr duma noticia, com a forte actuação delle sobre os homens, o seu poder de nucleação partidaria, o que elle costumava chamada "sua intiuição politica", a dedicação perfeita pelos amigos, seu proverbial apêgo aos desgraçados - assignalam nitidamente o lado melhor, o que ficar do prefeito que acabamos de perder. (Gazeta do Sertão 1923, p.03)

Percebe-se que este enredo o qual se cria entorno do ato da morte fica cada vez mais evidente ao passo em que se percebe as fases da narrativa do jornal *Gazeta do Sertão* no qual se processa ao longo da descrição. Este enredo transparece dentre outras coisas uma personificação em forma de memória, fazendo com que sentimentos, relações, à trajetória como um todo, passe a conotar cada vez mais aquilo que se quer deixar sobre alguém ou então em nosso caso específico: o chefe político de Campina Grande: Christiano Lauritzen.

Os sentimentos por sua esposa, o cotidiano de Lauritzen as relações sociais de maneira ampla, passam cada vez mais a serem descritas de maneira ascendente, isto é, se no início desta análise apresentou-se um Christiano Lauritzen de forma mais jovem e um tanto quanto plena, agora, já em seus dias findos, a descrição do jornal passa a narrar a vida de Christiano Lauritzen aos poucos sendo “findada”.

É desta forma em que a narrativa se constrói a partir pontos importantes da trajetória do chefe político de Campina grande perpassando sua origem, chegada em Campina Grande, ingresso na política e sobre tudo sua integridade à qual se acentua constantemente. Nisto, nota-se que essa construção imaginária, isto é, a personificação de atos, fatos, relações em função de sua memória, estabelece uma função de constituição íntegra enquanto pessoa daquilo que se deseja ser lembrado ou então esquecido.

O sentido da narrativa do jornal sobre a morte, vai conduzindo a descrição até seu desfecho que é o ato fúnebre e por final considerações sobre Christiano Lauritzen. É dessa maneira que as imagens representam em um primeiro momento fases distintas de Christiano Lauritzen. O da primeira página sozinho e de maneira a já aparentar sua velhice.

O ato de estar sozinho representa dentre outros sentidos, uma perspectiva de solidão amorosa, isto porque a todo momento o jornal ao descrever Christiano Lauritzen faz referências a sua esposa a qual segundo o jornal o amava-a. Seria irrisório no entanto, conjecturar que à ordem das imagens no jornal não representa algum sentido, isto pois, se na própria narrativa do jornal apresenta uma ordem discursiva como já apresentamos anteriormente, logo também as imagens<sup>23</sup> fazem parte deste discurso ao passo em que elas também constituem uma função da narrativa.

### 1.3 O CORTEJO

Aqui, encerra-se a completude desse ato de morte que se personifica por sua vez em um evento. Pensar o ato de morte como ideia de evento, é estar em consonância com o que afirma Marcelino:

Por sua vez, transformar tais eventos em momentos de celebração da nação e cultuar a memória de um personagem por suas ações em favor daquela coletividade, com todas as singularidades que a crença na efetiva existência desta última representa, constitui parte de uma experiência que

---

<sup>23</sup> John Tagg, baseado na ideia de *aparelhos do Estado* de Althusser, mas também recorrendo a Michel Foucault e Umberto Eco, procura entender a fotografia e o estatuto de veracidade que a ela é atribuído como o resultado de práticas de significação que ocorrem dentro de estruturas institucionais responsáveis pela produção de consensos que têm como eixo interesses dominantes associados ao Estado. (PINSKY, 2017. p.43)

deve ser compreendida como subproduto de uma historicidade própria, cujos contornos podem ser determinados de forma relativamente mais precisa. Afinal, fenômenos como esse, que hoje tendemos a naturalizar, formaram-se no bojo de um conjunto bastante completo de mudanças e variáveis históricas, envolvidas em processos específicos de curta e longa duração (MARCELINO. 2015, p.25)

É deste modo que pensar o ato de morte como um evento é perceber a partir de sua constituição de narrativa, imagem e conjunturas representativas, aspectos que tem por “norte” uma realização de uma significação a partir de elementos os quais estruturam essa representação.

Em nosso caso específico, tais elementos se traduzem em forma de narrativa, isto é, o que o jornal *Gazeta do Sertão* diz sobre a morte de Christiano Lauritzen ao passo em que insere dentro desta narrativa destaques simbólicos: trajetória de vida, relações sociais, inserção política; e também à imagem, que por sua vez também é uma forma de discurso.



Figura 3- Christiano Lauritzen em sua urna fúnebre no palacete  
Fonte: (Gazeta do Sertão 1923, p.02).

Esta é a imagem do então prefeito de Campina Grande no palacete em sua urna fúnebre. O palacete onde hora fora dias de pomposidade de sua história, agora estava recepcionando de maneira inusual seu ícone.

À imagem evidencia uma continuação narrativa do jornal: à trajetória. Todos os detalhes de encaminhamento de narrativa desde o início da notícia até a cerimônia perpassam processos contínuos de uma fundamentação cada vez mais

assídua a fim de perceber a trajetória não apenas discursiva, mas também a partir das imagens em forma de representar cada fase deste processo.

Na imagem, notam-se que pessoas estão ao redor e alguns enfeites quase que imperceptíveis dão a se notar também. Entretanto, é um contraste daquilo que se apresentou o jornal *Gazeta do Sertão* em sua segunda página.

O então Christiano Lauritzen como mostrado na imagem de sua cerimônia, se apresentava de uma maneira distinta das que já se vinha destacando, não pelo fato de sua morte apenas, mas como os detalhes vão conotando e denotando informações ao longo da leitura da imagem: agora de cabelos ralos, barba avantajada. Não nos chama a atenção no entanto, o sentido de o Christiano Lauritzen apresentar esses aspectos em função de seu ato fúnebre, mas o que de fato nos chama atenção é o “passo a passo” em que o jornal vai descrevendo esse ato: hora o Christiano Lauritzen em vida de maneira quase como impetuosa em primeira página do jornal, hora de maneira mais jovial na segunda página, e na terceira página em ato fúnebre; um findar de sua história.

Quanto a narrativa que se constrói no jornal ao passo em que se apresenta a imagem; a narrativa passa a descrever o como era Christiano Lauritzen. De maneira ampla: narra-se a perceber frases marcantes que em vida proferiu, sua relação com seu amigo Epitácio Pessoa; mais uma vez sua esposa também é citada de maneira perceber o quão amoroso o Christiano era; à morte de seu filho. E é nesse sentido que a compreensão de enredo construído perpassa o sentido da homenagem e galga um sentido imagético, isto é, uma forma de representatividade em função da significação que ocorre em detrimento das imagens destacadas pelo jornal e também a partir da descrição destas.



Figura 4-Cortejo fúnebre de Christiano Lauritzen  
Fonte: *Gazeta do Sertão*, 1923, p.03

À imagem do cortejo representa em si um “congelamento” no tempo em função do ato registrado. O registro da imagem de forma panorâmica, isto é, abarcando o número de público presente em frente ao “Paço municipal”, conota dentre outras perspectivas a de uma comoção social de um público que hora viu um homem (Christiano Lauritzen) estabelecendo-se a partir do comércio suas principais relações com a sociedade ao passo em que também levantando movimentos que outrora foram de resistência política; agora este mesmo homem passava a ser levado, olhado e em grande parte admirado pela pomposidade que, mesmo em um ato fúnebre, o gringo passava a ser lembrado.

À narrativa por sua vez, apresenta uma continuidade revelada através deste ato registrado e em função da memória que agora se fazia presente com a narrativa:

(...) ao qual compareceu a totalidade dos elementos de representação campinense, além de cerca de duas mil pessoas.

Por toda a parte por onde desfilou o cortejo, que era composto de quarenta e oito automóveis repletos de pessoas gradas, senhoras e senhoritas que conduziam flores, viam-se sinais de luto avivando, a magua da população, que unanimemente se associou à dor da família enlutada.

Na matriz houve encomendação sonemne, sendo nosso templo insuficiente para conter a numerosa assistência constituída até de adversários políticos que, num grande gesto de concordia, accorreram a manifestar a expressão do seu sentimento, diante do doloroso successo. Durante o sahimento, a cidade illuminou-se, graças á boa vontade do gerente da "Empresa-Luz-Campina-Grande", o cidadão João Pinto, estando os alampadarios da illuminação publica envoltos em crêpes.

No cemiterio do Carmo, a cujo portão um destacamento policial, commandado por um sargento, prestou honras militares, ao morto, Cel. da Guarda Nacional, falaram diversos oradores, inclusive o director desta folha, dr. Hortencio de Souza Ribeiro, que proferiu algumas palavras em allusão à perda, lendo, para rematar uma carta que lhe foi escripta pelo extincto, quando da morte de seu pae João Maria de Souza Ribeiro. (Gazeta do Sertão 1923, p.03-04)

A saída do cortejo fúnebre, como descrito na imagem, agora representava o fim de uma jornada Lauritzen, O mascate, O gringo, aquele que viu a partir de uma campina um futuro vindouro (narrativa do jornal). Duas mil pessoas o acompanhavam dentre as quais quarenta e oito automóveis presentes e ainda a medida em que se percorria o trajeto do funeral, a cidade se apresentava de maneira a está acesa sua illuminação por via do gerente da Empresa-Luz-Campina-Grande.

Assim foi descrito a última imagem do *Gazeta do Sertão*. Percebe-se que ao passo em que se ordena às imagens fotográficas como uma ordem narrativa, o jornal estabelece uma cronologia a fim sobretudo de a partir dessas fases do cortejo como já observamos, narrar uma progressão dos fatos com o sentido de estabelecer para além da homenagem dedicada detalhes de como ocorreu ato.

Os detalhes do cortejo, em grande parte emotivos, estabelece dentro desta noção de memória à qual observamos anteriormente “arranjos de pertencimento”, isto é, uma vez que esses detalhes como um conjunto formado a partir da imagem, da descrição dos atos, da trajetória de vida e política inserem-se dentro de uma narrativa, esse conjunto propicia uma espécie de personagem que de fato o origina ele em um sentido que o faz ser quem foi.

#### 1.4 A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA E SEU SILENCIAMENTO

Passamos a observar agora, uma projeção dada a partir do jornal em função de uma memória constituída. Entendemos a memória como um processo constitutivo que tange os diversos signos sociais, a fim de estabelecer um “regime” de acontecimentos os quais fundamentam por sua vez relações, sentimentos, práticas e etc., com o objetivo final de resguardar algum tipo de significação sobre algo.<sup>24</sup>

É neste sentido que, considerar o jornal *Gazeta do Sertão* (1923) a partir de seus destaques sobre Christiano Lauritzen é perceber através desses que o desenrolar discursivo visa dentre outras significações, estabelecer uma significação coletiva sobre o chefe político de Campina Grande. É a partir deste pensamento que perceber o processo descritivo do jornal em função de uma constituição de memória, é compreender dentro deste movimento narrativo, fundamentações em forma de estrutura escrita, isto é, a forma de como o jornal descreve Christiano Lauritzen, a fim de estabelecê-lo a partir das relações sociais, a vida conjugal, à vida política e toda sua trajetória, como um fim de grandeza.

Importante perceber ainda que um amigo muito próximo e citado pelo jornal é o Eptácio Pessoa, o qual chegara a ser presidente da República entre 1919 a 1922, o que contribui ainda mais para se observar toda à memória constituída pelo jornal sobre Christiano Lauritzen, o qual fundamenta dentre outras narrativas a de descrever que o Eptácio Pessoa foi alguém muito ligado a Christiano Lauritzen. Nisto observa-se, portanto, que o objetivo do jornal em descrever de tamanha forma o Christiano Lauritzen não apenas objetivava uma constituição de sua memória enquanto trajetória, mas para além disso, é pensar que tal movimento de escrita estava atrelado também a uma espécie de “legado” que se estabelecia sobretudo para a política. Fato esse que é a ascensão de Ernani Lauritzen<sup>25</sup>, filho de Christiano Lauritzen.

É neste sentido que, pensar a memória como um processo constitutivo a partir de detalhes é também perceber que uma narrativa também está inserida nesse processo de construção, pois uma vez que nela há objetos que para além da

---

<sup>24</sup> Estudar às memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. À memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (POLLAK, 1989. p.09)

<sup>25</sup> A primeira referência encontrada ao nome Ernani Lauritzen como ocupante de cargo público data de 1910, ocasião em que assumiu a secretaria da junta nomeada pelo governador João machado em substituição ao conselho Municipal ora destituído. É pertinente lembrar que a solução do referido Conselho ocorreu por interferência de seu pai, então prefeito da cidade, face à oposição sistemática que este conselho fazia-lhe. A junta ora nomeada era formada por correligionários de Cristiano, evidentemente, por ele indicados aos quais acrescentou seu filho Ernani. No mesmo ano, Cristiano conseguiu eleger a maioria do novo conselho e Ernani continuou exercendo o cargo de secretário. Em 1912, Ernani Lauritzen foi, pela primeira vez, eleito deputado estadual. Tendo seu nome reconhecido, Ernani assumiu seu primeiro mandato parlamentar (1912-1915), durante a sexta legislatura da Assembleia Legislativa da Paraíba. No decorrer deste seu primeiro período de atuação parlamentar Ernani participou, por duas vezes, da Comissão de Conselhos e Negócios Municipais. Atuou também nas comissões de redação e legislação e justiça. Apresentou, e foi aprovado, requerimento solicitando a criação de uma cadeira de ensino primário em Campina Grande, cuja reivindicação partira de habitantes dessa cidade através de abaixo assinado. (GURJÃO, 2002, p.119-120)

conjuntura de se “guardar algo no tempo” fomenta-se também a partir disso uma identidade visual de um grupo<sup>26</sup>.

Se a partir da perspectiva do jornal *Gazeta do Sertão* a função é estabelecer uma memória como prática de uma significação social; por outra ótica se verifica o oposto em alguns jornais campinenses de época analisados a partir da biblioteca Átila Almeida como *Ba-ta-clan: diário de festa* (16 de dezembro de 1923 a 20 de janeiro de 1924), *Órgão oficial do grêmio renascimento* (13 de janeiro de 1924), *O combate* (24 de novembro de 1923), os quais em nenhum deles há referência sobre a morte de Christiano Lauritzen; apenas o *Clarão* houve uma pequena dedicatória.

Cel. Christiano Lauritzen.

Por entre a consternação dos seus amigos e parentes, sucumbiu nesta cidade na madrugada de 18 de novembro, o illustre sr. cel. Christiano Lauritzen, chefe do partido dominante e prefeito municipal aqui. O extinto, de nacionalidade dinamarqueza, ainda muito moço chegou a Campina Grande, onde constituiu família e grangerou certo núcleo de admiradores. Tendo conseguido captar as sympathias dos próceres da política dominante no Estado, vinha há annos, occupando posição de destaque em nosso meio, onde, afinal, sucumbiu, deixando muitas recordações entre os de sua amisade.

O cel. Christiano Lauritzen contava setenta e tantos annos de idade. Pelo lutuoso acontecimento, enviamos os nossos pezames à exma. família do extinto, notadamente ao seu genro, o nosso caro amigo Lauro Camara. (O *Clarão*, 1923. Paginação irregular.)

Cabe ressaltar que a morte de Christiano Lauritzen ocorreu em 18 de novembro de 1923, e os jornais em suas respectivas datas não noticiaram de nenhuma maneira.

É dessa forma que se para nós a constituição do jornal ao fazer a narrativa da morte de Christiano Lauritzen traça um enredo como as mais diversas condicionantes que fizeram esse chefe político ser quem foi ao passo em que se constitui uma memória, por outro há um dado silenciamento a fim de perceber como aponta Michael Pollak<sup>27</sup> os interesses que não convergem com os quais o *Gazeta do Sertão* queria passar: uma espécie de legado que estende a partir de sua morte.

Eis aí portanto, o porquê dizer que o *Gazeta do Sertão* constrói um enredo de significação em função da morte do Gringo, Christiano Lauritzen. Esse enredo é entendido em nossa análise como uma acentuação em forma de narrativa destacando sentimentos, um modus operandi do chefe político em suas mais diversas relações e sobretudo a memória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À construção imaginária de um político se dá a partir da narrativa de seus feitos, suas origens, sua vida. Dessa forma, perceber essa construção imaginária é observar esse movimento como não apenas uma homenagem a alguém, mas como esse alguém é descrito ao passo em que se observa condicionantes que fazem

---

<sup>26</sup> Ela não pode mudar de direção e de imagem brutalmente a não ser sob risco de tensões difíceis de dominar, de cisões e mesmo de seu desaparecimento, se os aderentes não puderem mais se reconhecer na nova imagem, nas novas interpretações de seu passado individual e no de sua organização. (POLLAK, 1989, p.10)

<sup>27</sup> (POLLAK, 1989, p.10)

alguém ser quem foi. À imagem fotográfica por sua vez também estabelece uma forma de narrativa pois ela possui dentre outros aspectos uma ordem discursiva em forma de registro temporal. Esse registro se ambienta e se personifica ao passo em que detalhes são percebidos como em nossa análise por exemplo, uma impetuosidade, uma característica de uma forma de se apresentar (no sentido de visual), detalhes de maneira mais ampla, que vão para além da data e o registro em si, mas que estabelecem dentre outras conotações, a de se formar um enredo.

Para tanto, pensar este enredo<sup>28</sup> construído a partir do ato fúnebre, é perceber um processo de construção memorialística, isto é, a memória se traduz em forma constitutiva de valores, símbolos, feitos e relações que constituem uma narrativa ao passo em que se “consagra” essa narrativa em função de um personagem histórico: um político.

É desta maneira pois, que a memória construída a partir da narrativa do jornal *Gazeta do Sertão* sobre Christiano Lauritzen, pertence a uma forma eventualista de se encarar um ato fúnebre. Esse sentido de evento se atribui uma vez que elementos como este enredo construído em torno do ato fúnebre (imagens, narrativas, atribuição de sentido) e à memória entendida aqui como um sentido que se atribui algo a fim de se estabelecer uma coletividade de ideais, passam a constituir uma narrativa: À morte do gringo.

O esforço o qual a *Gazeta do Sertão* se propõe a traçar este enredo a fim de uma constituição de memória e uma continuidade histórica, se firma em perceber que, se antes a *Gazeta do Sertão* possuía como idealizador Irineu Joffily até ser desativado em 1891 com intuito de provocar os ideais políticos Christiano Lauritzen; agora em 1923 quando o referido jornal volta na direção de Hortênsio Ribeiro o qual era um dos colaboradores do Correio de Campina (dirigido por Christiano Lauritzen), o intuito já não se faz mais em ter esse embate político, por outro lado, se busca um reconhecimento de sua trajetória, de seus feitos e de sua importância a Campina Grande em época.

É desta forma que os referenciais da constituição deste enredo imaginário se formulam ao passo em que observar-se a caracterização de elementos como à narrativa do jornal sobre o acontecimento, a forma com a qual as imagens postas na *Gazeta do Sertão* assumem a uma ordem em forma de narrativa cronológica, e sobretudo a junção desses elementos em função de uma memória.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Rau. Relatos de Campina. In A imprensa de Campina Grande. Edições Banabuyé, 2012.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. *In introdução*. Difel 2ª edição, janeiro 2002.

CABRAL FILHO, Severino. A cidade revelada: Campina Grande em imagens. EDUFPG, Campina Grande, 2009.

GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias políticas. Companhia das letras, São Paulo, 1987.

---

<sup>28</sup> (MARCELINO, 2015, p.253)

GURJÃO, Eliete de Queiroz. História e debate na assembleia da Paraíba. João Pessoa, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). Fontes históricas. 2. ed. 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 21 Out. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jathay. História e história cultural. *in* capítulo II, Precursores e redescobertas: a arqueologia da história cultural. Autêntica, 3ª edição, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de (orgs.). O historiador e suas fontes. *In* Usos sociais e historiográficos. 1º ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCELINO, Douglas Átilla. O corpo da nova República: funerais presidenciais, representação histórica e imaginário político. *In* parte III Ritualizações do poder imaginário nacional: os funerais de presidentes. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.